

## Antiguidades de Vianna do Alemtejo

## I

## Excursão archeologica

Em 26 de Julho de 1901 escreveu-me o Sr. José Albino Dias, Mestre da Officina Ceramica «Medico Sousa» de Vianna do Alemtejo, convidando-me a ir visitar o sitio das Paredes, nos arredores d'aquella villa, no qual appareciam a cada passo restos romanos. Como eu a esse tempo estava em Paris, só pude acceder ulteriormente ao amavel convite do Sr. Dias.

Em 18 de Outubro dirigi-me a Vianna, indo em minha companhia Carlos Maria Loureiro, Apontador de Obras Publicas de 1.<sup>a</sup> classe, então em serviço no Museu Ethnologico, e hoje fallecido. Em Vianna o Sr. José Albino Dias pôs-me em relações com o Sr. Antonio Isidoro de Sousa, para quem eu levava tambem uma recommendação do Sr. Conselheiro Manoel Francisco de Vargas, ao tempo Ministro das Obras Publicas; o Sr. Isidoro de Sousa é filho do fallecido Medico Sousa, de quem a mencionada Officina Ceramica tem o nome, e a quem Vianna do Alemtejo ficou devedora de importantes serviços, que entre os habitantes lhe perpetuam gloriosamente a memoria.

Mercê do concurso que o Sr. Albino Dias e o Sr. Isidoro de Sousa me prestaram, visitei o que em Vianna e arrabaldes tinha interesse para os meus estudos, colligi algumas noticias archeologicas, e trouxe varios objectos para o Museu Ethnologico a meu cargo. De tudo darei aqui resumida conta.

## 1. Antigualhas prehistoricas

Nos arredores de Vianna encontram ás vezes os trabalhadores instrumentos neolithicos, lá, como noutras terras do Sul do reino, tidos

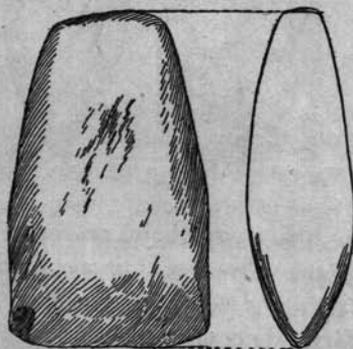


Fig. 1.ª

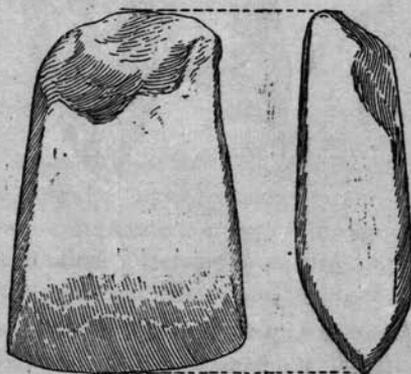


Fig. 2.ª

por «pedras de raio» ou «perigos», e como taes guardados em casa com maior ou menor veneração.

O Sr. Albino Dias offereceu-me alguns d'estes instrumentos; já depois do meu regresso a Lisboa, o mesmo senhor contribuiu para

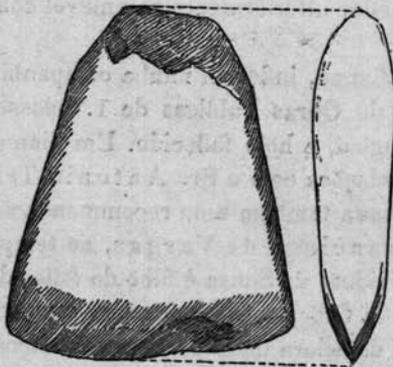


Fig. 3.ª

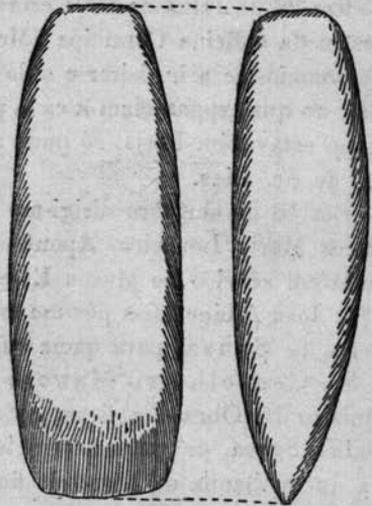


Fig. 4.ª

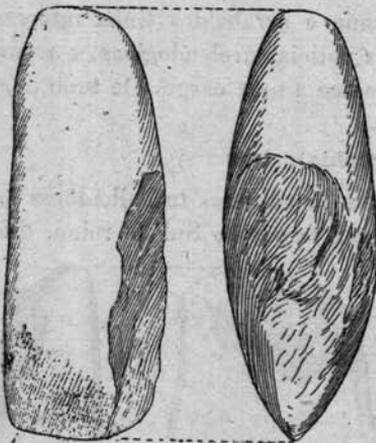


Fig. 5.ª

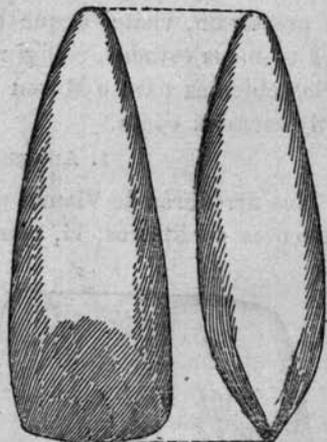


Fig. 6.ª

que o Museu adquirisse outros. Este ao todo possui hoje, provenientes de Vianna, sete instrumentos de pedra, que se representam nas figuras juntas, em metade da grandeza natural, e que vou aqui descrever.

1.º) Machado de amphibolite, em fôrma de cunha; secção quadrangular com os angulos arredondados; gume levemente convexo, regular

em relação ao eixo; faces maiores e menores levemente convexas; topo desgastado. Com fracturas antigas (vid. fig. 1.<sup>a</sup>).

2.<sup>o</sup>) Machado de diorite, do typo do antecedente, só o gume é mais convexo e menos regular em relação ao eixo; as faces maiores são quasi planas, as menores um tanto irregulares e desgastadas. Uma das faces maiores está fracturada junto ao topo (vid. fig. 2.<sup>a</sup>).

3.<sup>o</sup>) Machado de amphibolite, do typo do 2.<sup>o</sup>, só é mais estreito e relativamente mais largo junto do gume (vid. fig. 3.<sup>a</sup>).

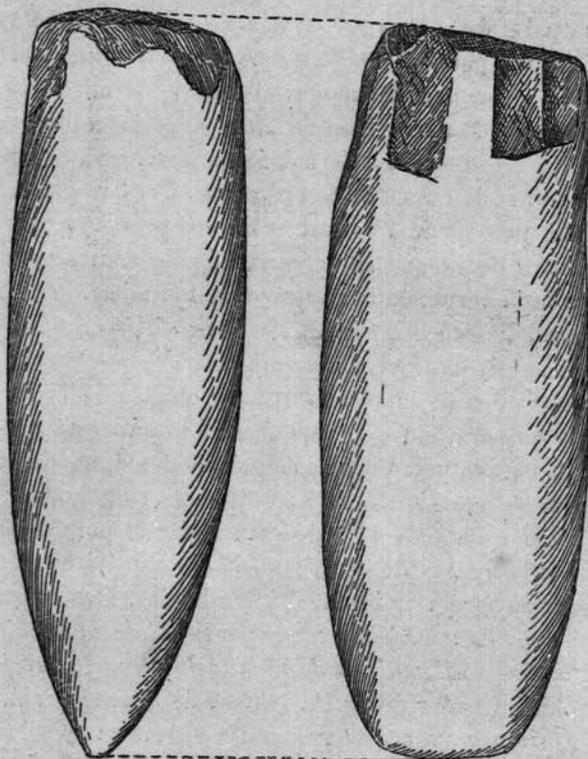


Fig. 7.<sup>a</sup>

4.<sup>o</sup>) Machado de amphibolite, alongado, de faces levemente convexas; secção quadrangular com os angulos arredondados; gume levemente convexo, regular; topo polido e um tanto convexo (vid. fig. 4.<sup>a</sup>).

5.<sup>o</sup>) Machado tambem de amphibolite, typo do 4.<sup>o</sup>, mas mais curto e com fracturas nas faces lateraes (vid. fig. 5.<sup>a</sup>).

6.<sup>o</sup>) Machado de amphibolite ou de diorite, muito polido, roliço; gume convexo, regular, com algumas falhas recentes; secção elliptica; topo ponteagudo (vid. fig. 6.<sup>a</sup>).

7.º) Fragmento de grande machado de diorite, de que resta a parte inferior; secção elliptica; as faces maiores estreitam um pouco para o lado do gume, que está fracturado (vid. fig. 7.ª).

O Sr. Isidoro disse-me ter tido uma placa de lousa ornamentada, semelhante a outras do Sul; infelizmente havia-se-lhe estraviado. Esta placa proveio tambem, como supponho, do concelho de Vianna.

## 2 Herdade das Paredes e Senhora d'Aires

A herdade das Paredes fica nos arredores de Vianna: extensa planicie, em parte plantada de arvores (oliveiras, etc.), em parte semeada. Ahi se encontram numerosos restos de alicerces antigos,— d'onde o nome de *Paredes* dado ao sitio—, pedaços de vasilhas (amphoras e *dolia*), de tegulas e de imbrices, argamassa Signina, moedas romanas, escoreas de fornos de olaria, canos. Um dos alicerces é mesmo muito grande, pois mede 150 metros de comprimento e 1<sup>m</sup>,68 de largura, estando a pedra que os constitue ligada com argamassa durissima; temos aqui certamente um troço de muralhas.

Nesta herdade está a igreja da *Senhora d'Aires*, muito concorrida dos romeiros no dia da festa, e em cuja *casa dos milagres* se encontram varios ex-votos: o mais interessante é um quadro de 1738, que representa uma enfermaria em que uma familia inteira está doente de malina, e que foi curada pela Virgem, depois de desenganada pelo medico, que ahi apparece vestido de beca; outro ex-voto, tambem em fórma de quadro, tem a data de 1804, e está assinado por *Silveiro*; muitos dos ex-votos são figuras de cera, tranças de cabello e muletas.

A origem da igreja anda envolta em lendas. Dos extractos que o Medico Sousa fez de um *Livro manuscrito existente no Archivo das Religiosas do Mosteiro do Bom-Jesus de Vianna do Alemtejo, escrito em 1744*, os quaes estão em poder do Sr. A. Isidoro de Sousa, que me permittiu examiná-los, transcrevo a este respeito o seguinte:

«Esta [igreja] he em tudo a primeira em toda a Provincia, porque, alem de ser muito milagrosa a imagem de N. S.<sup>ra</sup>, he o sitio admiravel, e a fabrica da igreja magestosa, de obra nova e finissimos marmores, outras pedras estimaveis, e 8 soberbas columnas de côr verde, sobre cujos capiteis primorosamente lavrados descança a rotunda machina do seu alto e vistoso zimborio, para o qual se sobe por uma bellissima escada de dois lanços que párão nas abobodas que vão parar a dois coretos fabricados em igual architectura, magestade e riqueza e na bella regularidade das janellas exteriores, e d'ellas do lado esquerdo se sobe a uma varanda que circunda o zimborio, tudo lageado de pedra preta

donde se faz a vista deliciosa para uma campina dilatada. A porta principal da igreja he de admiravel obra moderna, em que o bom gosto da obra excede o precioso da materia, soube o douto artifice que lavrou a pedra metter-lhe no frontespicio huma antiga pedra em q̃ está a inscripção seguinte, digno parto do fecundo engenho do P.<sup>o</sup> Antonio Franco, da Companhia de Jesus:

Hic Mauro expulso, proscisus vomere campus  
 Virginis effigiem, quam tenet ara, dedit.  
 Quae trahit a coelo cognomen, terra salubris  
 Ut daret effigiem Virginis apta fuit.  
 O felix tellus fecundior omnibus, unus  
 Plus tibi dat suleus, quam seges ulla dabit!

alludindo á ditosa achada da soberana Imagem da Sn.<sup>ra</sup>, favor q̃ o Ceo fez a Martim Vaqueiro, de antigua e nobre familia d'esta Villa, fundador da igreja, como consta da inscripção q̃ está na sua sepultura na capella mór, o qual andando lavrando, exercicio util e então honroso, o que facilitava a singelesa d'aquelles tempos, abrindo o arado aquelle ditoso campo, descubrio aquelle thesouro, que alli tinha escondido a piedade dos Monges de Arens, cujo mosteiro estava no termo d'Alvito, no sitio em que hoje está o de S. Francisco, ao qual ainda hoje chamão *Monjes de Arem*, ou *Muje de Arem*, e d'aqui o nome da *Senhora de Ares*. . . . »

No referido manuscrito lêem-se algumas noticias archeologicas que, por estarem em intima connexão com as que traz o P.<sup>o</sup> Luis Cardoso, *Diccionario Geographico*, vol. I (1747), pag. 409 sqq., não transcrevo na integra. Essas noticias referem-se a inscripções romanas que foram reproduzidas por Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 87-92 (dadas porém ahi como de Alvito, quando ellas appareceram junto do templo da Senhora d'Aires<sup>1</sup>), e na descripção das sepulturas a que as inscripções pertencem.

Uma das sepulturas é assim descrita: «hum tumulo composto de adobes, no qual, aberto, se vio hum esqueleto de corpo humano de quatorze palmos de comprido, e tres pequenas barras de hum

<sup>1</sup> A redacção do texto do *Diccionario Geographico* está um pouco confusa, e foi isso o que deu logar ao engano. Com effeito Cardoso, ao tratar do Alvito, refere-se ao templo da Senhora d'Aires, transcrevendo nessa occasião as inscripções, e mencionando a lenda do apparecimento da imagem da Virgem. Incidentalmente notarei que esta lenda é commum a varios santuarios.

metal desconhecido<sup>1</sup>»; este tumulo era tapado por uma lousa em que havia a seguinte inscripção:

I · D · CAS · SELSA  
FLORENTIS D · D

evidentemente estropiada, mas cuja lição differe da do *Corp. Inscr. Lat.*, II, 92, que é baseada no *Diccionario Geographico* de Cardoso:

HISLONENCASSELSAS  
FLORENTIS · D · D

Como o manuscrito é de 1744, e o *Diccionario Geographico* é de 1747, embora um e outro trabalho tenham, no que se refere á Senhora de Aires, pontos de contacto, julguei util recopiar a inscripção, visto que a respectiva lapide parece estar perdida.

Algumas das lapides epigraphicas tinham «fôrma e feitio de huma pipa, porém mociça». Numa d'ellas lia-se:

D · M · S  
DIGNITAS : : : VIXIT ANN · XXV  
CRVSEOS MARITVS<sup>2</sup> POSVIT  
H · S · E · S · T · T · L

texto em cuja linha 2.<sup>a</sup> os seis pontos que se seguem a *Dignitas* dão a entender que falta algo que o autor do manuscrito não entendeu: esta particularidade não vem assinalada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 87. De passagem notarei que *Dignitas*, como nome de mulher, se encontra mais vezes na epigraphia: vid. de Vit, *Onomasticon*, s. v. Quanto á *fôrma de pipa* das lapides, cfr. *O Arch. Port.*, VII, 242-243.

Outra das inscripções do manuscrito é:

D · M · S ·  
MVSA VIXIT ANN. LX  
LIVIA LIBERATOS : : :  
H · I · S · M  
S · T · T · L

onde na linha 2.<sup>a</sup> tornamos a achar uma lacuna que Hübner assinalou de maneira diferente; a mesma inscripção apresenta na linha 4.<sup>a</sup> umas

<sup>1</sup> Eram certamente travéssas de ferro, como as de que se fallou n-*O Arch. Port.*, vol. VIII, pags. 168 e 169.

<sup>2</sup> Por engano escreveu-se *Marius*.

letras que não vem no *Corpus*, e que talvez tenham de interpretar-se por H · E · S · M, fórmula que se lê noutra inscrição do *Corpus* (II, 80), apenas com inversão de letras: talvez signifique *h(oc) e(st) s(itus) m(onumento)*; cfr. Hübner, obra citada, II, p. 1176, onde cita a fórmula H · S · E · IN MONVMENTO · EIVS. Na nossa inscrição *hoc monumento* estará por *in hoc monumento*, o que, se não é latim ciceroniano, também não é latim incorrecto.

Aqui termina o que o manuscrito tem aproveitavel para o nosso caso.

Acima disse eu que nas Paredes apparecem por vezes moedas romanas. Fallarei de uma que se encontrou na occasião em que fui ás Paredes.

É um bronze-mediano, mas em pessimo estado de conservação, pois está quebrado nos bordos e gasto por todo elle. No anverso só se distingue um busto de imperador, voltado para a direita e diademado (devia estar vestido de paludamento; todavia este já não se conhece), e uns sumidos restos de legenda: FAV, letras que fazem parte da phrase P · F · AVG = p(*ius*) f(*elix*) a(*ugustus*). No reverso vê-se muito mal uma figura de pé, que tem na mão direita um globo em que pousa uma Victoria; á direita da figura (esquerda do observador) não se distinguem senão umas sombras que devem corresponder á mão direita da referida figura a levantar do chão uma mulher ajoelhada e com uma torre na cabeça; da legenda resta RE ou talvez REIP, letras que fazem parte da legenda REPARATIO REIPUBLICAE; no exergo lê-se CON. D'esta descripção se vê que a moeda convem a um imperador do seculo IV (Graciano, Valentiniano II, Theodosio, Honorio, Magno Maximo). Como porém nesta epoca as figuras imperiaes representadas nas moedas, outr'ora verdadeiros retratos, deixam de corresponder á realidade <sup>1</sup>, — pelo que as imagens de uns imperadores se parecem com as dos outros —, e como falta na nossa moeda a parte da orla em que estava o nome do imperador que a mandou cunhar: torna-se difficil dizer a qual dos imperadores propriamente convem. A attribuição torna-se ainda mais difficil pelo facto de nas Paredes terem apparecido com o mesmo reverso



Fig. 8.<sup>a</sup>

<sup>1</sup> A tal proposito diz um excellente conhecedor da numismatica romana: «La mirabile serie dei ritratti, che forma una delle grandi attrattive della monetazione imperiale, diventa a poco e poco sbiadita e insignificante verso l'epoca di Costantino, e dopo questa va perdendo ogni valore man mano ci avviciniamo alla caduta dell' Impero d'Occidente». F. Gnecchi, *Monete romane*, 2.<sup>a</sup> edição, Milano 1900, pag. 248.

moedas claramente pertencentes a alguns dos referidos imperadores, como (exemplares que na villa de Vianna examinei nas mãos de um particular):  $\frac{\text{DN MAG MAXIMVS PF AVG}}{\text{REPARATIO REIPVB}}$  CON;  $\frac{\text{DN GRATIANVS...}}{\text{REPARATIO REIPVB}}$  CON. O apparecimento de moedas em casos como este, numas ruínas, tem a importancia de contribuir para estabelecer datas.

É da maior conveniencia que os colleccionadores numismaticos procurem sempre saber onde apparecem as suas moedas, e o notem nos seus monetarios e catalogos: d'esta maneira a numismatica pôde auxiliar o conhecimento da respectiva historia local <sup>1</sup>.

Alem das antigualhas que ficam mencionadas, como apparecidas nas Paredes, tem apparecido outras.

Na villa de Vianna vi em uma casa particular um lindo capitel romano de marmore provindo de lá, e noutra casa uma columna, tambem de marmore, de 2<sup>m</sup>,36 de altura (fig. 8.<sup>a</sup>), da mesma precedencia.

### 3. Amphora romana

O Sr. José Albino Dias, que, como disse acima, foi o promotor d'esta minha excursão ao Alemtejo, e a cuja dedicacão pela terra em que vive devo o poder dar as noticias archeologicas que estou dando, levou a sua bondade a ponto de me offerecer para o Museu Ethnologico, uma amphora de barro vermelho, encontrada na herdade do Palanque, ao Poente da villa de Vianna.

Vae representada na fig. 9.<sup>a</sup> Tem 0<sup>m</sup>,95 de altura e 0<sup>m</sup>,32 de maior largura (no bojo); de uma das asas só resta o topo superior, figurando-se



Fig. 9.<sup>a</sup>

<sup>1</sup> O apparecimento de moedas romanas dos ultimos tempos do Imperio em um local nem sempre é documento sufficiente para se dizer que ali estiveram Romanos, pois sabe-se que os Visigodos não cunharam moedas de prata nem de cobre, do que é natural inferir que se serviram do respectivo numerario romano, que existia na Peninsula em grande quantidade. As moedas romanas de cobre,

com pontos o que falta d'ella; a outra asa, a parte superior do corpo junto do gargalo, e o bico apresentam algumas fracturas.

Esta bella vasilha veio aumentar a já valiosa collecção de amphoras do nosso Museu. É analoga á que se figurou n-*O Arch. Port.*, IV, est. 4, apparecida no Algarve. No Sul do reino apparecem bastantes amphoras inteiras; não assim na Beira, nem no Norte, onde o que vulgarmente se encontra são bicos, asas, gargalos, bocaes ou pedaços de bojo. É bom, comtudo, colligir sempre estes fragmentos, porque com elles muitas vezes reconstituem-se typos. As amphoras do nosso país são de differentes typos, como é natural; a essas differenças corresponde não raro a do barro. As asas, só por si, podem constituir documentos archeologicos de certa importancia, quando contem inscripções (marcas de oleiros): ha especimes d'estes no Museu Ethnologico, obtidos por Estacio da Veiga no Algarve; o Museu de Alcaccer do Sal tambem possui um <sup>1</sup>.

de pequeno modulo, abundam de tal modo, que ainda ha pouco tempo o baixo commercio na Hespanha as acceitava a titulo de *ochavos*: vid. Heïss, *Monnaies des rois visigoths*, Paris 1872, pag. 25. A respeito das tegulas farei observação semelhante. Com quanto ellas sejam de origem romana, estiveram em uso até tarde: já tenho encontrado em cemiterios da epoca visigotica sepulturas construidas de tegulas. Para portanto se dizer que tal ou tal estação é romana e não visigotica, torna-se necessario lançar mão de varios criterios e combiná-los: nem só o das moedas ou o das tegulas basta.—Com relação ás Paredes de Vianna do Alentejo, porém, não ha duvida que essa estação é romana; bastavam as inscripções para o provar.

<sup>1</sup> Não são as marcas de fabrica os unicos letreiros das amphoras; podem estas tambem ter pintados, no collo e no bojo, os nomes dos consules da epoca, e outras particularidades: vid. Delattre, *Carthage*, Paris 1894 (separata do *Cosmos*), p. 1-2. Mas d'isto nada conheço em Portugal. Assim como nós hoje indicamos uma epoca geralmente com um numero, os Romanos indicavam-na frequentemente com os nomes dos consules: nós dizemos, por exemplo, *uma garrafa de vinho do Porto de 1820*; os Romanos diziam, *uma amphora de vinho Massico do consulado de Aurelio e Manlio*. Ha uma ode de Horacio que principia com esta invocação a uma amphora: *O nata mecum consule Manlio* (vid. *Carm.*, III, XXI). As datas das amphoras indicavam-se tambem em pequenas tafoletas penduradas ao pescoço d'ellas, como hoje se faz com tafoletas de prata suspensas por uma corrente no gargalo das garrafas; as tafoletas romanas tinham varias denominações, uma das quaes era *nota*. Horacio, que em seus versos pinta a cada passo os prazeres da mesa, não esquece igualmente essa denominação, *Sat.*, I, x:

... sermo lingua concinnus utraque  
Suavior, ut Chio *nota* si commixta Falerni est...

onde *nota* está metaphoricamente por *amphora*.

## 4. Antiquidades romanas da villa de Vianna

É muito pouco o que a este proposito tenho de dizer.

Numa das torres do castello, por cima do *Penedo escorregadio*, ha uma sêteira que era feita em parte com uma lapide romana<sup>1</sup>. Tendo eu obtido autorização superior para a extrahir, fiz que fosse transportada para o Museu Ethnologico, onde hoje está. É um cippo de marmore, de 1<sup>m</sup>,07 de altura, de 0<sup>m</sup>,55 de maior largura (na cornija) e de 0<sup>m</sup>,27 de maior espessura (no corpo). Vae representado na fig. 10.<sup>a</sup>;

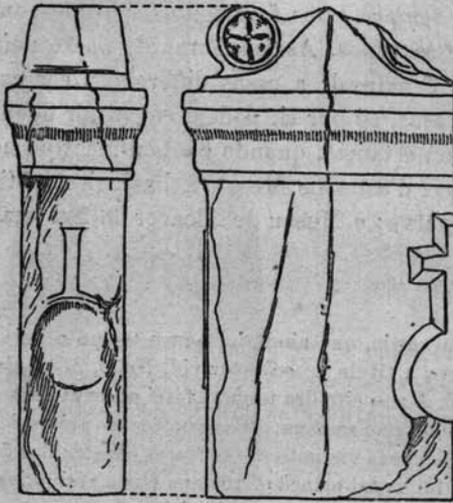


Fig. 10.<sup>a</sup>

e d'ella se vê que a voluta direita foi quebrada, restando só uma roseta. Na face esquerda do monumento está esculpida a figura de uma *patera*, o que muitas vezes acontece nos monumentos d'esta especie, porque, relacionando-se elles com o cumprimento de votos, andavam-lhes naturalmente associadas as pateras, que ser-

viam com frequencia para libações: *pateris libamus*, diz Vergilio, *Georg.*, II, 129. Na face direita devia talvez haver tambem uma figura, provavelmente um *praefericulum*; mas, como esta face foi cortada para se adaptar á sêteira, não podemos saber ao certo o que lá haveria. A particularidade mais notavel do monumento é ser elle completamente desprovido de inscrição, isto é, anepigrapho. Outros monumentos lapidares romanos do Alemtejo estão nesse caso: uma ara granitica encontrada no concelho de Arrayollos, e hoje no Museu Ethnologico<sup>2</sup>; uma tampa

<sup>1</sup> Foi o meu collega na Bibliotheca Nacional, o Sr. José Antonio Moniz, quem primeiro me deu esta noticia.

<sup>2</sup> Foi o Sr. Manoel José Prates, rico proprietario da Igreja (Arrayollos), quem amavelmente me offereceu esta lapide para o Museu Ethnologico Português. Numa propriedade d'este senhor appareceu um grande cemiterio antigo, que foi explorado ha tempos a expensas do Museu, e cujo espolio archeologico se acha guardado neste. A seu tempo se dará n-*O Archeologo* conta minuciosa d'esta exploração.

de sepultura cupiforme de marmore, numa quinta ao pé de Mertola<sup>1</sup>; e varios monumentos do templo de Endovellico, tambem no nosso Museu. Do Norte de Portugal citarei uma ara de granito apparecida em Braga<sup>2</sup>. O não ter inscripção uma lapide póde depender de varias causas: estar por concluir; as letras haverem sido pintadas, desaparecendo com o tempo a pintura; ou ser pobre o dedicante, cujo dinheiro só chegaria para comprar a pedra, e não para as despesas com o custoso trabalho da insculptura das letras. A primeira hypothese é muito accetavel quando a lapide apparecer numa officina: comprehende-se que o *lapidarius* tivesse prontas, mas sem inscripções, umas tantas lapides á espera que o dedicante lh'as viesse comprar; as inscripções dependiam dos nomes d'estes e da natureza dos *votos* que nellas se quisessem exprimir. A segunda hypothese não haverá difficuldade em a accetitar, se nos lembrarmos de que, por exemplo, Cicero, na *Natura deorum*, III, fala de *tabulae pictae* da Samothracia, representativas de promessas religiosas feitas por pessoas salvas de naufragios. A ultima hypothese justifica-se com o facto de algumas das lapides anepigraphas do templo de Endovellico serem de granito ordinario, ao passo que as outras, as que tem letreiros, são todas de bello marmore<sup>3</sup>.

Para terminar citarei dois munscriitos que fallam de Vianna do Alemtejo:

a) um está na Bibliotheca Municipal do Porto, n.º 104-230, e intitula-se *Memorias || da Villa de Vianna do Alemtejo junto a || Evora, e noticia dos Condes, e Donatarios, que || a possuirão, e da fundação dos Conven- || tos que tem; com algumas || clareras mui curiosas ||*, 14 pags. de papel almasso liso, sec. XVII<sup>4</sup>.

b) o outro está na Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa, gab. 5.º, est. 13, n.º 23, *Collecção de monumentos romanos* de Fr. Vi-

<sup>1</sup> Pertence ao Sr. Dr. Fabricio Pessanha, de Mertola, que já se dignou prometter-m'a para o Museu. Ao mesmo illustre senhor deve este a posse de quatro magnificos vasos romanos (um de vidro e os outros de barro), provenientes da antiga *Myrtilis*. Em occasião opportuna serão descritos e figurados n-*O Archeologo Português*.

<sup>2</sup> Vid. a respeito d'ella *O Archeologo Português*, vol. VIII, pag. 46 (artigo do Sr. Albano Bellino).

<sup>3</sup> Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 136.

<sup>4</sup> Não examinei este ms., que eu apenas conhecia pelo titulo, mas o Sr. Rocha Peixoto, director da Bibliotheca Municipal do Porto, a quem pedi o favor de me informar do seu conteúdo, diz-me que elle é chorographico, archeologico, genealogico, etc., mas muito summario, e que está junto com outras memorias em um só volume.

cente Salgado, que a pag. 40 se refere a uma estatua que «poderia ser» de Marte, achada no seculo XVIII em Vianna do Alemtejo <sup>1</sup>.

Próavelmente, tanto esta estatua como a ara anepigrapha de que fallei acima provieram tambem das Paredes, que, pelos visos, era mais do que *villa* ou «quinta», era povoação.

J. L. DE V.

## II

### Cemiterio da epoca romana

#### 1. Previas informações

Encontrar um cemiterio da epoca romana quasi debaixo dos fundamentos de uma igreja christã e particularmente sendo esta santuario de estabelecida nomeada, concorrido de tradicionaes romarias, aclamado com a fé popular<sup>2</sup>, é quasi sempre surprehender em flagrante o fusil que prendeu os derradeiros cultos das nossas populações romanizadas á renovação trazida com o christianismo. Encontrando-se com a tenacidade dos velhos usos, a nova religião torneava estas resistencias, transformando invocações, *fana*<sup>3</sup>, e apropriando correntes populares secularmente orientadas. Quasi sempre os afamados santuarios tiveram esta velha origem: um culto pagão segura e tenazmente enraizado á chegada do christianismo, transfigurado num culto christão, sem perder a sua feição ethnographica tradicional<sup>4</sup>.

Junto á villa de Vianna do Alemtejo, para noroeste, no meio dos seus ferteis campos, ergue-se o magnifico templo de Nossa Senhora de Aires. Singularizam-no ampla nave, zimbório de cantaria, duas torres, portico de arcadas, grandes columnas de marmore local no altar-mór, espaçoso adro lageado, dependencias amplas e variadas, emfim um conjunto de disposições que revelam immediatamente ao visitante a impor-

<sup>1</sup> Cf. Cardoso, *Diccionario Geographico*, I, 140.

<sup>2</sup> Fr. Agostinho de Santa Maria (*Santuario Mariano*, vol. VI, pag. 284), diz que havia dias em que naquelle sitio se reuniam mais de 12:000 pessoas, e consigna as lendas que pertencem a este santuario. Regista tambem a etimologia erudita de Nossa Senhora de Aires nuns sonetos, onde se lê: =ares de Santissima Maria= e =da Rainha do Céu celestes ares=.

<sup>3</sup> Les monuments mégalithiques, par J. Fergusson, trad. de Hamard, p. 26.

<sup>4</sup> São geralmente conhecidas as lutas travadas entre as prescrições do christianismo e as antigas tendencias dos conversos; os concilios, os bispos e os exegetas muitas vezes se occuparam d'esta questão. Pode ver-se Martigny, *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, s. v. Ensevellissement, Deuil, Etrenne, Fêtes, Janvier, etc.; *Tradições populares de Portugal*, por J. Leite de Vasconcellos, pag. 87; *Religiões da Lusitania*, I, 292; *Revista Archeologica*, III, 145.

tancia do edificio, a popularidade da invocação e o intenso culto que se localizou naquelle ponto do Alemtejo.

A simples casualidade de serem um dia encontradas por cabouqueiros sepulturas antigas, indicou a conveniencia de proceder a um reconhecimento archeologico do local. Participado o caso ao Director do Museu Ethnologico, fui incumbido d'esse trabalho, partindo para Vianna a 8 de julho de 1902<sup>1</sup>. As sepulturas violadas achavam-se em terreno plano, contiguo pelo norte ao adro da igreja. Para NNE. succedia um cabeço de declive suave por este lado, mais forte pelos outros. Juncam o chão muitos pedaços de *tegulae*, de tijolos de quadrante, fragmentos de *opus Signinum*, alguns de avantajadas dimensões<sup>2</sup>; em um ponto, a atravessarem a ribeira, subsistem ainda ruinas de larga muralha de alvenaria, rijamente argamassada; em outro vêem-se trechos de envasamento de largas construcções circulares, como torres. Por toda esta area, apparecem nas lavouras, moedas imperiaes romanas, de que adquiri algumas.

As que pude classificar vão descritas em additamento d'este artigo.

São bronzes dos seculos II a IV. Por si só, apenas trazem consigo o attestado de proveniencia; mas quanto á significação chronologica, seria arriscado basear em tal elemento deducções restrictivas<sup>3</sup>. A circulação dos bronzes romanos perpetuou-se alem do imperio.

<sup>1</sup> Não poderei passar adiante sem deixar consignado aqui o nome de um prestantissimo cidadão, mestre da escola de ceramica de Vianna do Alemtejo, o Sr. José Albino Dias. A elle deve o Museu, primeiro, o conhecimento do facto, e depois d'isso, os muitos obsequios de que carece quem se encontra, para trabalhos d'esta natureza, em terra estranha. Os serviços que aquelle senhor me prestou foram assiduos e relevantes. Injustiça seria tambem deixar no olvido o nome do illustre proprietario do terreno onde realizei a escavação, o Sr. José Dias Pereira Cappas, abastado proprietario, que gentilmente permittiu o remeximento e concedeu a retirada dos objectos de valor archeologico. Os trabalhos foram apenas um começo de exploração e por isso espero do elevado espirito e provada generosidade d'estes dois cavalheiros a continuação dos seus favores, no interesse da sciencia. Não devo tambem calar o nome do Rev.<sup>do</sup> Prior de N.<sup>a</sup> Senhora de Aires, Sr. P.<sup>e</sup> Isidoro Dias Navarro, que elle só á sua parte me fez como presidente da junta de parochia o offercimento de meios pecuniarios; o que revela em sua Reverencia elevado grau de rara dedicação e intelligencia.

<sup>2</sup> Veu um para o Museu; era decerto pavimento de casa. Tem um rebordo alto de um lado.

<sup>3</sup> Alem de moedas romanas, apparecem tambem numerosas moedas portuguezas de varias epocas, desde a 1.<sup>a</sup> dynastia. Estas documentam quando não a sobrevivencia do povoado, pelo menos a grande concorrência de pessoas áquelle logar, especializado por um culto antigo.

A determinação de um cemiterio romano no sítio em que se eleva o templo da Senhora de Aires, não era facto novo.

São conhecidas as lapides romanas a que se refere o *Arch. Port.*, v, 117. Em 1743 foi encontrada a *area* ou cemiterio, de onde procedem as epigraphes que o *Corpus* recolheu no vol. II, n.ºs 87, 90, 91 e 92.

As sepulturas pois encontradas deviam fazer parte da necropole já assinalada no seculo XVIII, porque de mais a mais achavam-se quasi encostadas ás vedações do adro.

Esta nota é importante para a attribuição chronologica dos achados.

## 2. Recentes achados

Começo agora por dizer o que tinha já sido encontrado por trabalhadores, quando eu cheguei.

Em primeiro logar uma sepultura de criança.

Distinguia esta sepultura a circumstancia de não conter terra, mas deposto no fundo o infantil esqueleto, de que felizmente tinham sido conservadas algumas peças, entre as quaes fragmentos do cranio, alguns ossos longos, etc.

Junto de osseo despojo havia uma moeda que adquiri. A caixa sepulcral era mista, isto é, formada, nas ilhargas por pranchas de marmore, nas testeiras por *lateres* e *tegulae*. Uma d'estas, completa, tinha na face superior dois traços sinuosos e contiguos, feitos em fresco, com dedos de oleiro. A tampa e o fundo eram tambem de marmore. Possivel me foi averiguar a exactidão d'estas informações. Pelo exame da face interna das pranchas conhecia-se que não tinham estado em contacto com terra, e notavelmente no lado interno da tampa, via-se bem desenhado um quadrilatero correspondente ao vazio da caixa sepulcral, quadrilatero em que o marmore conservára a sua côr clara. Era facil até medir por este inconfundivel vestigio algumas dimensões da sepultura. A informação relativa á moeda que estava dentro da sepultura mereceu-me credito, em primeiro logar porque, por diferentes vezes e em respostas a varias perguntas, propositadamente feitas para espreitar a menor contradicção, obtive a affirmacção não só de que fôra encontrada dentro uma pequena moeda, mas até pude verificar a identidade da moeda, pela seguinte circumstancia. A moeda era um pequeno bronze, que em uma das faces tinha depositado e concrecionado um sedimento duro, muito diverso das incrustações obtidas no contacto directo de terra em peças de bronze ou da pátina caracteristica formada nas mesmas condições. Aquella crosta foi cautelosamente

tirada a pedaços depois de demorada imersão em liquido, apparecendo subjacente o cunho do pequeno bronze em regular estado de conservação. A circumstancia do apparecimento de uma moeda na sepultura era, para o estudo do cemiterio, tão importante que julguei necessario todo o escrupulo na averiguação do facto, primeiro; na identificação do referido pequeno bronze, depois. O estado e aspecto dos ossos que tinham sido arrecadados, como procedentes d'esta sepultura, condiziam com as especiaes condições de meio em que por seculos tinham permanecido, porque apresentavam um pó como que endurecido na superficie, bem differente das adherencias terrosas de outros ossos que me foram mostrados e dos que eu tambem exhumei<sup>1</sup>.

Essa camada de pó provinha claramente das infiltrações humidas através das fendas da caixa sepulcral.

Uma das pranchas lateraes maiores d'esta sepultura tinha na sua face interna gravuras, que não pareciam relacionar-se com a applicação actual da mesma prancha: em primeiro lugar, pôr ser no sepulcro a unica pedra assim lavrada, distincta por tanto das outras e situada apesar d'isso em posição secundaria; em segundo lugar, porque aquellas enigmaticas figuras occupavam um extremo da prancha e estavam evidentemente incompletas, conhecendo-se o esboço da continuação. O que signifique

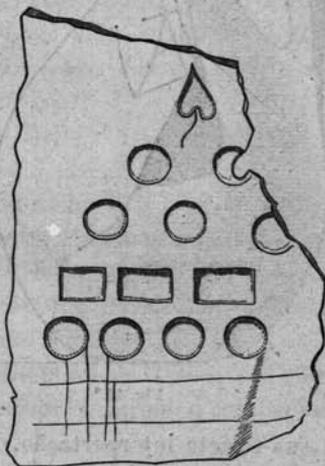


Fig. 11.ª

aquele conjunto, aliás simetrico, de circulos e quadrados, sobrepujados por uma folha de hera de typo bem conhecido na lapidaria romana<sup>2</sup>, inteiramente ignoro. Presumo que outro viria a ser o seu destino que não o actual. O interior d'aquellas figuras está apenas picado, como trabalho incompleto. A sua profundidade é sómente de 0<sup>m</sup>,008. Teriam de ser mais aprofundadas? Deveriam conter algum preparado a modo de esmalte ou massa? Perguntas a que não encontro resposta (fig. 11.ª).

Alem d'esta sepultura, outra tinha sido violada.

<sup>1</sup> Em algumas sepulturas sem terra, o esqueleto tem-se reduzido a pó. Neste caso singular, as peças osseas conservaram a sua dureza.

<sup>2</sup> As *hederae distinguentes* tornaram-se muito communs desde Augusto para deante até epoca recente (Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, pag. 29).

Era ella do genero a que poderemos chamar *sepulturas emparedadas*, porque a caixa era constituida por verdadeira parede de tijolo em volta e no fundo um lastro de tijolos deitados. Aqui o espaço destinado ao cadaver estava cheio de terra, que inteiramente envolvia o esqueleto. Junto d'este foi encontrada uma vasilha de asa, que os carbonheiros impiamente quebraram, tendo-se por felicidade conservado

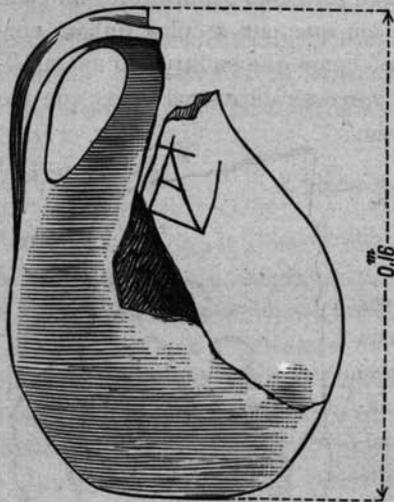


Fig. 12.<sup>a</sup>

os dois principaes fragmentos que permittiram a restauração da peça. A pasta d'esta vasilha é muito arenosa e a côr exterior de um bello rubro. O que a torna notavel é um monogramma em graffito, que devia relacionar-se com o defunto (fig. 12.<sup>a</sup>).

Tentemos a decifração d'este monogramma. Esta maneira de representar um nome de individuo procede certamente do uso do nexo ou conjuncção de letras. Estes nexos, de que exemplos se podem ver em Hübner (*Exempla epigraphica*, p. LXVIII), obedeciam a regras de escrita que asseguravam

a sua exacta interpretação. Não creio que o monogramma verdadeiro revele sempre invariavel conformidade com essas leis; a necessidade de reunir num só grupo, por motivos diversos dos que impunham correntemente o emprego de um nexo de letras, um nome completo obrigava a recorrer quasi só á fantasia individual para o completo agrupamento de letras por vezes numerosas, e assim é que alguns monogrammas se tornaram de difficilissima leitura até para os contemporaneos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Veja-se Le-Blant, *Inscriptions chrétiennes de la Gaule*, vol. 1, n.º 193, e vol. II, n.ºs 351, 353 e 275. Um monogramma, por exemplo, podia dar Radegondis, Aregondis, Andregondis e Gondegardis. Outro podia significar Radulfus, Ranulfus ou Arnulfus. Verdade seja que aqui se trata de uma epocha mais baixa do que aquella a que julgo pertencer o monogramma da vasilha de Vianna, mas o uso d'estes grupos atravessou longos periodos. Aparecendo em moedas consulares, (Martigny, *Dict. des antiq. chrét.*) conservou-se na epigraphia romana mesmo anterior a Constantino, mas é certo que em tempos mais baixos (Baixo Imperio, epocha visigotica, etc.) é que elles se tornaram de uso frequentissimo.

Para não alludir só ao que de fóra sabemos, bom é notar-se que em alguns vasos ha pouco exhumados de um cemiterio, perfeitamente romano, de incinera-

No nosso monogramma isolam-se as seguintes letras T, I, A, L, N. Estas letras poderão ser lidas mais do que uma só vez na composição da palavra que representam; a isso autorizam conhecidas decifrações d'estes grupos. A primeira nota que resalta a quem observa attentamente este grupo de letras, é que se trata de um nome não terminado em VS mas em A<sup>1</sup>. Compulsando os indices onomasticos do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, encontram-se os seguintes nomes, cujo monogramma póde ter sido o mesmo de que se trata, porque nelles se conteem todas as cinco letras referidas e nenhuma outras.

LATINIA (*Corpus Inscr. Afric. Lat.*, VIII, 9204).

NATILLA (*Corpus Inscr. Afric. Lat.*, VIII, 6906).

LATINIA (*Corpus Inscr. Calabr. Apul. etc. Lat.*, IX, 5923 e 1857).

TANTILIA (*Corpus Inscr. Calabr. Apul. etc. Lat.*, IX, 769).

LANTIA (*Corpus Inscr. Lat.*, X, 4955).

TILIANA (*Corpus Inscr. Lat.*, X, 5361).

LATINA (*Corpus Inscr. Lat.*, X, 2114).

Além d'estas devo notar o principio de nome TIN...<sup>2</sup> no *Suppl. do Corpus*, I, 6257 (196), que é da *Hispania*; e os masculinos *Latinus* e *Lintius* (Lintio) que correspondem a LATINA e \*LINTIA (Vid. respectivamente *Corpus Inscr. Hisp. Lat.*, I, 3058 e 4264 e *Corpus Inscr. Hisp. Lat.*, I, 3058 e 4264 e *Corpus Inscr. Lat.*, X, 3778, 2, 1).

O nome *Lintia*, homónimo de um masculino da Italia, é d'entre todos o que me parece corresponder melhor á fórma d'este monogramma.

Outras sepulturas foram encontradas, sem que d'ellas ficasse lembrança que as singularizasse. Eram todas orientadas. De uma me falaram que não tinha tampa e era formada de adobes. Para este modo de inhumação em que o cadaver ficava envolvido de terra, a tampa era

---

ção e inhumação, em Aljustrel, se lêem bem ou mal nomes de pessoas e o mesmo succede num vaso da necropole romana de incinerados no Marco de Canavezes, explorada por este Museu. Não são monogrammas, é certo, mas são factos que attestam o uso de escrever a *grafito* em vasos de sepultura, nesta epoca.

<sup>1</sup> Era possível estar em genitivo o nome do defunto. Genitivos em *s* estão excluídos; em *ae* também; em *i*, pouco provavel é, porque esta letra, que aliás se vê na parte esquerda do monogramma, mais natural era que estivesse á direita; bastaria para o indicar erguer mais a haste direita do N e cortá-la, á altura do módulo d'esta letra, por um pequeno traço. Esta era também a regra. (Vid. Hübner, *Exempla*, p. LXVIII). Seria acatada?

<sup>2</sup> Se for principio de \*TINEIA, de *Tineius*, nome que apparece no *Corpus Inscr. Hisp. Lat.* I, 742, excluido, porque não vejo no monogramma nenhum E, e faltaria o L.

quasi inutil. Encontrei arrecadados, mas em confusão, os ossos provenientes d'estas violações.

A ceramica das sepulturas e a do cabeço eram iguaes. Alem d'isto, dispersas pelos entulhos, em nivel não inferior ao das sepulturas, desenterraram os exploradores pedras que merecem muito especial menção.

Em primeiro logar devo referir-me a um volumoso tetraedro de granito, plinto de estatua. Em uma das suas faces, que terá sido a supe-



Fig. 13.ª



Côrte da fig. 13.ª  
por um eixo horizontal

rior, ha uma escavação de contorno circular, de base sensivelmente mais ampla que a boca, onde penetrava o espigão inferior da figura, e d'onde seria difficiloso arrancar esta, em consequencia da fórma embusitada da mesma cavidade. Restam dentro vestigios de argamassa. A fig. 13.ª representa-o. Mede por lado 0<sup>m</sup>,60 e 0<sup>m</sup>,65 e ao alto 0<sup>m</sup>,33. Numa das faces, tem insculpido um letreiro que diz:

BONO  
REIP(ublicae)  
NATO

É uma fórmula dedicatória, que explica a verdadeira applicação d'esta pedra. Deveria assentar nella a estatua honorifica da personagem que os dedicantes consagravam em vida como *nascida para bem do estado*. Parece presuppor a existencia naquelle logar de um edificio publico ou particular com dependencias adequadas a enfileirar estátuas (*simulacra iconica*). Eram de especies várias essas construcções; em todo o caso, embora sejam ainda patentes os vestigios de antiga povoação naquelle logar, não devemos imaginar nenhuma sumptuosa construcção, incompativel com a mediocridade relativa de uma povoação romanizada nas proximidades de *Ebora*, e com a simplicidade, quasi rudeza, do plinto inteiramente desprovido de molduras.

O interesse especial d'esta pedra no presente caso é ter valor chronologico.

Pelas condições da sua invenção, não ha duvida que é coeva das sepulturas.

Ora a quem compulsar o *Corpus Inscriptionum* de Emilio Hübner, depara-se o seguinte<sup>1</sup>:

a) *Constantino II* (317-340). Inscrição milliaria das vias da Bética, n.º 4700:

*Domini nostri Constantinus et Constantius nob(illissimi) beatissimiq(ue) Caes(ares). [b(ono)] r(ei) p(ublicae) [n(ati)].*

b) *Constancio II* (323-361). Epigrapha conimbrigense, n.º 5239: *At augmentum rei pub(licae) nato dilectoque principi*<sup>2</sup>.

c) *Magnencio* (350-353). Inscrição milliaria da Tarraconense (Paredes de Coura; V. Braga a Astorga) n.º 6225 (= 4744):

*D. N. Magno Magnentio imperatori Aug. P(io) F(elici) b(o)n(o) r(ei) p(ublicae) n(ato).* (Cfr. P.º Capella, *Milliarios*, pag. 235).

Veja-se tambem n.º 4791, igualmente inscrição milliaria da V. Bracara Aquas Flavias, com a mesma fórmula. (Cfr. P.º Capella, *Milliarios*, pag. 235).

d) *Decencio* (351-353). Inscrição milliaria da Gallecia; V. Bracara Asturicam III (Hübner); n.º 4827<sup>3</sup>:

*D. N. Magno Decentio Nobillissimo Florentissimo Caesari b(ono) r(ei) p(ublicae) nato.* (Cfr. P.º Capella, *Milliarios*, pag. 239).

São estas as epigraphes hispano-romanas, dataveis, que esquadrihei na collecção de Hübner<sup>4</sup>.

As palavras gravadas pois no pedestal de Vianna do Alemtejo, alem de serem conformes ao formulario epigraphico de Roma, recordam uma epoca bem determinada do imperio romano, da qual não desdiz o inclassicismo dos caracteres.

<sup>1</sup> Vid. no Indice o titulo *Imperatores*.

<sup>2</sup> Cfr. *Rev. Archeologica*, vol. II, pags. 66 e 125.

<sup>3</sup> O n.º 6221 de Hübner, que eu teria de aproveitar para o caso de que se trata, não tem objecto real, segundo o Sr. Martins Capella (*Milliarios*, pag. 239). Do n.º 4827 dou a lição do academico português.

<sup>4</sup> Nos *Mutila* traz Hübner (n.º 4642) a seguinte:

*Fortissimo Caes Antonio.. ti.. Filio Bono Reip. Nato.*—Quinta da Lagoa, perto de Vide. E mais:

N.º 4643. Bono Reip. Nato.—Ermida de S. Sebastião, em Vide.

Não faltará quem observe que estas epigraphes são todas milliarias e que portanto o tetraedro de Vianna servia de plinto não a estatua, mas a marco. Difficultam esta interpretação: 1.º, o silencio da epigrapha dedicatoria a respeito do nome do imperador respectivo e do numero de milhas; 2.º, os titulos milliarios ficavam gravados no cippo e não na base, que aliás era rasa. Deve notar-se que a louvaminha B · R · P · N · tambem apparecia no monetario.

O monetario imperial da decadencia tambem nos coadjuva no asinar a verdadeira antiguidade a este singelo monumento.

De Flavio Victor (384-388) existe um aureo com a seguinte legenda no reverso: *Bono Reipublice nati*.

De Átalo (409-416) conhece-se um pequeno bronze, que tem no reverso: *Bono reipublicae nati*<sup>1</sup>.

Como se vê, a concordancia d'estas citações é assaz frisante, e fornecem um elemento bastante seguro para conhecer a epoca d'esta necropole.

Outros restos devo descrever como pertencentes ao local do cemiterio e descobertos pelos violadores das sepulturas a que me referi.

Sobresae um pequeno capitel de columnelo ou pilarete de marmore (fig. 14.<sup>a</sup>). Mede 0<sup>m</sup>,15. É obra muito da decadencia, mas á sua anti-



Fig. 14.<sup>a</sup>

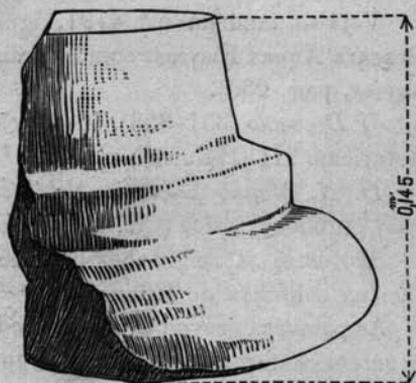


Fig. 15.<sup>a</sup>

guidade não se podem marcar os limites precisos do fim do imperio; pertence decerto a todo aquelle periodo de tempo que, em assunto de architectura, viu ainda as raras construcções de pedra reflectirem os escassos reflexos que a arte romana ainda despediria ao Occidente. Vaga é pois a attribuição chronologica d'esta peça, mas muito é já para a sua raridade no solo portuguez poder com verosimilhança dar-lhe logar do IV ou V ao X seculo. Poder-se-ha dizer que é um capitel *latino*. O canteiro, cujo cinzel talhava caracteristicamente em chanfro os relevos do seu desenho, parece ter-se inspirado no capitel corinthio<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Ha ainda medalhas de *Placidia*, mulher de Constancio III e de *Honorio*, irmã d'aquella, com a legenda *Bono reipublicae*.

<sup>2</sup> E menos provavelmente no *jonico*.

Para o museu reeni ainda outros despojos de pedra e de barro, que testemunham o desaparecimento de edificios antigos d'estas epochas.

Mencionarei um fuste de grossa columna de marmore da mesma natureza que as pranchas das sepulturas. O seu diametro é 0<sup>m</sup>,32. E alem d'este um fragmento de base; fig. 15.<sup>a</sup>

Depois da minha saida de Vianna, novas pesquisas dos cabouqueiros exumaram um sarcophago monolithico e rectangular. Mede 2 metros em comprimento exterior; 0<sup>m</sup>,58 em altura. O marmore é o local.

Proveniente do cabeço, onde abundam os vestigios de povoação, vi em casa de um lavrador um bello capitel jonico que a fig. 16.<sup>a</sup> representa. São dimensões suas: no ábaco por lado 0<sup>m</sup>,030; no diametro inferior 0<sup>m</sup>,24; no eixo 0<sup>m</sup>,23. É tambem de marmore. Esta interessante peça de architectura merece algumas palavras.

Como exemplar da arte classica no seu purismo não pode evidentemente considerar-se. É um producto de uma phase da decadencia, embora illuminado ainda pelos reverberos de uma grande arte moribunda. Não tenho duvida em assinar á sua antiguidade os ultimos dois seculos do imperio, porque inconciliaveis se me afiguram as suas linhas, ainda bellas, com a barbarie em que permaneceram longo tempo as artes após o alastramento dos povos nordicos e com a hesitação que respiram as primeiras obras que nos chegaram da idade media.



Fig. 16.<sup>a</sup>

Qualquer que seja porém a sua antiguidade, como elle procede, não do logar do cemiterio, mas do cabeço contiguo, onde foi a povoação, o caso é indifferente para a questão primordial de que me occupo neste escrito.

Neste capitel, as volutas jonicas, que teem, na architectura grega e romana, um aspecto tão logico e tão gracioso, foram modificadas e substituidas por umas rosetas de quatro pétalas, como as do frontão da lapide figurada n-*O Arch. Port.*, I, pag. 198, fig. 3.<sup>a</sup>; os balaustres perderam o seu ar de enrolamentos para ficarem puramente ornamentaes, sem harmonia com as volutas. Alem d'isto o corpo do capitel inferiormente aos balaustres é constituido por um cesto, que á primeira vista póde fazer pensar nos capiteis compositos, mas, se bem repararmos,

as folhas do acanto foram substituídas por uma cinta de palmetas com pouco relevo, como nalguns capiteis jonicos de arte classica <sup>1</sup>. O ábaco é quadrado, e as suas quatro faces são dessemelhantes <sup>2</sup>, como nos jonicos antigos. Portanto este capitel, sem ser um classico jonico, é antes derivado do typo jonico do que do composito <sup>3</sup>.

### 3. Resultados da exploração

Passemos agora a relatar o conjunto dos trabalhos empreendidos. As especiaes condições da epoca em que tiveram de realizar-se e as circumstancias economicas do Museu não permittiram que se fizesse uma exploração completa. Effectivamente havia de se pesquisar o terreno plano onde tinham sido descobertas as sepulturas, e o cabeço que lhe succede, onde affloram muitos vestigios de epocas antigas, romanas ou post-romanas. Limitei-me pois a revolver a terra circumjacente das sepulturas violadas pelos cabouqueiros, contentando-me com a descoberta de novos sepuleros e a sua pesquisa minuciosa. É do que vou agora tratar.

Tinha-se descoberto o envasamento de uma parede quasi á superficie, a 14 metros ao norte de uma entrada lateral do adro da igreja. Esta construcção era posterior ás inhumações, não só por estar em nivel muito superior, mas porque tinha determinado violações de algumas sepulturas, cujos despojos se achavam accumulados, em completa desordem, numa fossa soterrada. Junto d'esta parede corria um ladrilho meio abatido de tijolos irregulares na largura de 1<sup>m</sup>,20. Quer superior-

<sup>1</sup> Recórdo agora particularmente os capiteis do templo de Erectea em Athenas; veja-se *Diccionario enciclopedico hispano-americano*, s. v. *Capitel*. Saglio & Daremberg, s. v. *Columna* citam, para exemplo de capitel jonico munido de um collar de palmetas (*hypo trachelium*), separado do fuste pelo astragalo, os do templo de Apollo em Mileto. (Vid. *Vitruvio*, III, 5, 2). É bom ter em vista que «os typos principaes da architectura antiga apresentam infinita variedade, que augmenta nos edificios, cuja data se aproxima dos ultimos tempos do imperio, a tal ponto que vem a ser realmente muito difficil determinar a ordem a que pertencem taes e taes entalhamentos, capiteis, bases, columnas, etc». (*Noções elementares de archeologia*, por Possidonio da Silva, pag. 43). Este conceito vem a proposito do presente capitel, que tenho considerado jonico, mas que pela fórma do cesto revestido de folhagens, como nos capiteis compositos, poderia parecer d'esta ultima classe.

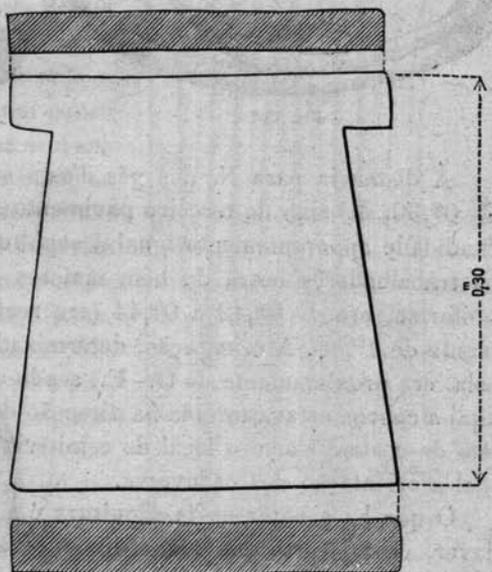
<sup>2</sup> Veja-se *Traité d'architecture*, por Charles Dupuis, Paris, 1782.

<sup>3</sup> Na *Ephemeris Epigraphica*, pag. 484, vem a estampa de um monumento romano do sec. II, restaurado. As columnas teem capiteis com volutas e balaustres como na ordem jonica e o cesto está rodeado de folhas de acanto, que difficultam a classificacão d'estes exemplares, não se podendo dizer ao certo se pertencem ao jonico ornado ou ao composito.



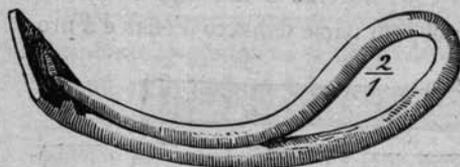
mente, quer inferiormente a este pavimento, havia restos de dois outros analogos, o que indicava successivas reconstrucções, hoje intraduziveis, mas em todo o caso posteriores ao estabelecimento da necropole subjacente. O que é curioso é que os novos pavimentos eram construidos, sem que se tratasse de destruir os antigos, que iam ficando por baixo. O pavimento superior estaria a  $0^m,25$  do solo. Alguns tijolos eram trapezoidaes e lisos, mas no lado menor tinham duas pequenas saliencias rectangulares, destinadas a tramarem fiadas de pavimentos. Mediam no lado das saliencias ou dentes  $0^m,29$ ; no eixo  $0^m,30$  (fig. 17.<sup>a</sup>).

Em nivel inferior a estes vestigios, em parte debaixo d'elles e á profundidade de  $0^m,75$ , descobri a primeira sepultura. Num ponto havia restos de *formigão* (*opus Signinum*) ainda inferiormente ao derradeiro pavimento de tijolos. A tampa era formada de lascas de marmore quebradas e alguns fragmentos de tijolos. Levantados estes materiaes, appareceram por baixo tres travessões ou barras de ferro, destinadas a suster a tampa, apesar de ter sido a inhumacão do cadaver feita directamente em terra. Pousavam nas pranchas lateraes e tinham as extremidades voltadas em angulo

Fig. 17.<sup>a</sup>

recto, para não se deslocarem. A caixa rectangular era constituída lateralmente por pranchas de marmore devidamente accommodadas e o fundo era tambem lageado. A cabeça do inhumado estava do lado do poente, mas propositadamente ou não, tinha sido voltada com uma face sobre o fundo da sepultura, como olhando para o norte. O resto do esqueleto estava em decubito dorsal. Feitas as medições, achei para o comprimento  $1^m,40$ , para a largura  $0^m,27$ , para a altura  $0^m,25$ . Algumas pranchas de marmore conservavam num lado uma estreita zona tosca, que indicava terem sido obtidas estas lascas por meio de serragem mechanica, e separadas pouco antes dos ultimos impulsos da serra.

Na terra que enchia a sepultura encontraram-se tres objectos identicos dois dos quaes representados nas figs. 18.<sup>a</sup> e 19.<sup>a</sup> O d'aquella estava só, mas o d'esta estava junto dos outros perfeitamente igual, ao qual adheria por meio de oxido. Era o *acus* romano a servir de alfinete de segurança<sup>1</sup>. Os dois achavam-se na parte media da fossa. Presumo que teriam servido de unir alguma peça de vestuario, tunica, ou involtorio. Esparso na terra algum carvão. Junto da cabeça do esqueleto um fragmento de vidro muito delgado, com aquelle irisamento caracteristico.

Fig. 18.<sup>a</sup>Fig. 19.<sup>a</sup>

Á distancia para N. dos pés d'esta sepultura de 0<sup>m</sup>,15 e para E. de 0<sup>m</sup>,30, debaixo do terceiro pavimento de tijolos, o inferior, em profundidade aparentemente igual á sepultura antecedente, encontraram os trabalhadores outra de bem maiores dimensões. A largura, quasi uniforme, era de 0<sup>m</sup>,42 a 0<sup>m</sup>,44 (era rectangular a fossa); o comprimento de 1<sup>m</sup>,80. A orientação, determinada com o auxilio de uma bussola, era proxivamente de O.-E., sendo a cabeça do lado do O. Ainda aqui a cabeça estava torcida na direcção do N., permanecendo o esqueleto de costas. Como o local do cemiterio é plano, parece que era cultural a orientação dos cadaveres.

O que ha a notar nesta sepultura é a disposição dos braços do cadaver, de tal sorte que o ante-braço direito estava em linha perpendicular ao eixo do corpo, tocando a mão direita no cotovelo do braço esquerdo, cujo ante-braço se erguia obliquamente para o *sternum*. Tinha pois o esqueleto os braços em flexão, mas desigual.

Pude ainda verificar que o cadaver ali inhumado tinha maior comprimento que o da sepultura, devendo pois ter sido introduzido violentamente; na columna vertebral havia uma pequena interrupção; não obstante a sepultura estava intacta.

Fig. 20.<sup>a</sup>

Quanto á natureza da fossa, era esta resguardada por todos os lados por pranchas inteiriças (primitivamente) de marmore. A da tampa é que se achava fragmentada em maior numero de pedaços, cedendo

<sup>1</sup> Para maior clareza, a figura está desenhada em dobro do natural.

ao peso superior apesar de tres grossos travessões de ferro, que interiormente davam mostras de a quererem sustentar. O fundo era tambem uma prancha da mesma pedra. Junto da tibia direita estava o alfinete de bronze representado na fig. 20.<sup>a</sup>

Na terra que preenchia a caixa sepulcral, nada mais havia, senão alguns carvões, pedaços de vidro <sup>1</sup>.

Continuando a pesquisa na direcção do norte, encontrei restos de terceira sepultura. Tinha sido violada para a construcção de outra parede, situada a 4<sup>m</sup>,50 da primeira descripta. Esta obra era pois posterior á necropole. Encontravam-se ossos em desordem e pedaços das pranchas de marmore. No recanto, onde teria sido a cabeceira, estava deposta e um pouco inclinada uma pequena vasilha sem asa cheia de terra. Era orientada como as outras. Foi aqui que se descobriram restos de formigão em nivel superior á sepultura, e por cima d'este trechos de ladrilho ou pavimento de tijolos.

O seu comprimento era de 1<sup>m</sup>,74; a largura 0<sup>m</sup>,40; altura 0<sup>m</sup>,47; e a profundidade a que estava era de 1 metro. Quanto á sua natureza, pude apenas observar o seguinte: era da especie das *emparedadas*, aos lados corria uma paredezinha de tijolo e havia tambem um pedaço de formigão posto de cutelo. Aos pés, era a caixa limitada por uma placa de marmore; o fundo era lageado; a tampa não existia. Os ossos estavam em desordem.

Vejamos uma 4.<sup>a</sup> sepultura.

Denunciou-se pelo apparecimento á profundidade de 0<sup>m</sup>,75 de dois enormes tijolos, que justapostos constituíam elles sós a tampa da sepultura. Medem 0<sup>m</sup>,84 × 0<sup>m</sup>,56 × 0<sup>m</sup>,07 e estão actualmente no Museu. Pousavam em paredes lateraes de tijolo argamassado, o que não im-

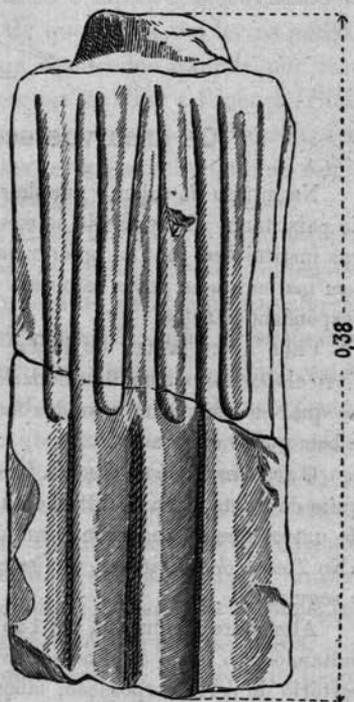


Fig. 21.<sup>a</sup>

<sup>1</sup> Esta sepultura está reconstituída no Museu; apenas com a differença de se ter collocado nella um vaso de barro que pertencia á seguinte.

pediu que sobre o cadaver se tivesse lançado terra, como succede nas outras. Nesta porém não havia fundo de pedra; o esqueleto assentava na terra. Na cabeceira servia um fragmento de tosca pilastra cannelada. É a fig. 21.<sup>a</sup> Media de comprimento 1<sup>m</sup>,90; de largo 0<sup>m</sup>,39; de alto 0<sup>m</sup>,28.

O rosto do cadaver tinha sido voltado para o sul, mas a sepultura era orientada como todas as outras.

(No proximo fasciculo segue: 4. *Antiguidade do cemiterio*).

FELIX ALVES PEREIRA.

### Os archivos ecclesiasticos da Guarda

No intuito de saber o paradeiro e o estado presente e passado dos archivos do pais, tenho ido reunindo as menções dos cartorios que a destruição das antigas instituições, junto á ignorancia e malevolencia de camadas de funcionarios, tem malbaratado, posto se ouçam por vezes brados de soccorro, a que não correspondem os actos.

Cabe agora a vez de juntar as noticias que se encontram dispersas no livro elaborado por um funcionario que tem a confiança do Estado, funcionario no qual se encontram reunidas faculdades de investigação bem raras entre nós e bem pouco cultivadas.

O archivo da sé da Guarda foi examinado nos fins do seculo XVIII por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo ou por pessoa interposta, como se collige, alem de outros que se poderiam citar, d'este passo do *Elucidario*, vol. I, pag. 292: «No Tombo dos Jantares, que se conserva no Archivo da Sé da Guarda, se diz o seguinte . . . »

Alexandre Herculano, em 1857, escreveu<sup>1</sup> as seguintes palavras, onde, occultando-se o nome da diocese, se sabe, todavia, dirigir-se á da Guarda: «No cartorio de certa corporação, lançado pela janela fóra durante a guerra peninsular por alguns soldados franceses, e de que só uma pequena parte foi recolhida, achou-se ainda em 1853 incrustado nos pergaminhos o lodo em que estiveram mergulhados durante alguns dias; tal tinha sido o desvelo da corporação acêrca dos monumentos que salvára. Não sabemos se é das que bradam contra a offensa feita ao seu direito de propriedade».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

«Na Guarda governava o bispo D. João de Mendonça, que nomeou o conego Martinho Rodrigues, seu desembargador da mesa do despacho, para, auxiliado por alguns companheiros, examinarem o archivo do cabido e da camara ecclesiastica, as inscrições e outras particulari-

<sup>1</sup> *Opusculos*, vol. I<sup>2</sup>, pag. 246.